

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-lei nº 311 de 13-11-1945

Formada pela rua conhecida por Beirada da Paulista
Início na avenida Dr. Alberto Sarmiento

Término na avenida Governador Pedro de Toledo

Bonfim

Obs.: O decreto nº 94/45 revogou o decreto nº 92/45 e ambos foram assinados pelo Prefeito Municipal, em Comissão, Perseu Leite de Barros. O Decreto-lei nº 311/45 foi assinado pelo Prefeito Municipal Joaquim de Castro Tibiriçá. Aprovado pela resolução nº 2.069 de 1945, do Conselho Administrativo.

MAJOR LUCIANO TEIXEIRA

Luciano Teixeira Nogueira, nasceu na então Vila de São Carlos, hoje Campinas, em princípios de 1803, sendo batizado em 01-maio-1803. Era filho do sargento-mor Joaquim José Teixeira Nogueira e Angela Izabel Maria de Souza. Luciano Teixeira Nogueira casou-se duas vezes. A primeira aqui em Campinas, em 20-abril-1828, com sua sobrinha, Francisca de Paula Ferraz, havendo desse consórcio 18 filhos. Viúvo, Luciano Teixeira casou-se pela segunda vez, em Campinas, em 23-dezembro-1852, com sua sobrinha neta, Joaquina Augusta Nogueira, tendo desse casamento 16 filhos. Foi, portanto, pai de 34 filhos. Como político, foi vereador à Câmara Municipal de Campinas, na 34a. legislatura, de 1833-36 e mais tarde, na 37a. legislatura, de 1845-48. Amigo e partidário do Padre Diogo Antonio Feijó, tomou parte no movimento liberal de 1842, lutando no combate da Venda Grande, em companhia de seus dois futuros genros. Anistiado em 1843, voltou novamente às atividades em Campinas, agora já no posto de Major da Guarda Nacional. Em 1848, trabalhou para a construção da Matriz Nova (Catedral) angariando doativo para aquela obra. Empreendedor, foi um dos primeiros subscritores do capital para a incorporação da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais. Era o Major Luciano Nogueira Teixeira muito rico, foi um grande administrador, senhor de engenhos, proprietário das fazendas Chapadão, Cachoeira, Bela Vista e Laranjal, esta última, onde hoje se localiza o distrito de Joaquim Egidio.



Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

DECRETA:

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.
Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,
ADMAR MAIA



Decreto-Lei N. 311

DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. 1, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939, DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BARÃO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Moraes Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ DALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA BARÃO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA DIGNA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saúde, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Betim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecida como Ranulfo Sales;

RUA ALVARO VILAGELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Moraes Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Ranulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saúde e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SOBRE' — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

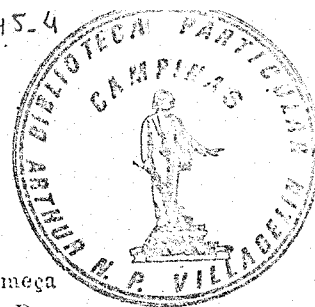
RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bicudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emilio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapodão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHIA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Pentecado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTONIO PRADO — antiga rua conhecida como Quarta Travessa da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lins C, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guanabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambuí, que começa na Rua Emilia Ribas, abaixo da Igreja Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTRE — antiga Rua Um, da Vila Cambuí, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de retórno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Palmeiras);

RUA CARLOS KAYSER — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Monteiro;

RUA LUIZ SILVERIO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOAO EGIDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Batim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO GONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retôrno;

RUA BERNARDINO DE SENNA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saúde e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NERI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retôrno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Maia;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Ercília, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ALVARES CABRAL — antiga Rua Alfa, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Salgado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Guedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1903);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANEBORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).

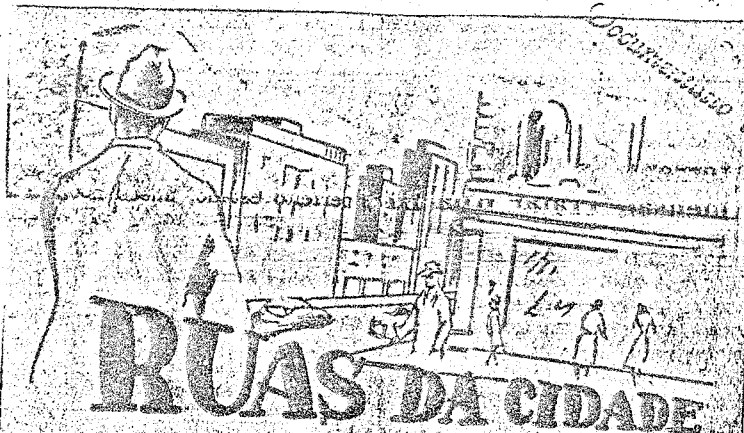
DIÁRIO DO POVO

7 DE ABRIL DE 1956



B. P. 51

Documentação de Campinas



LUCIANO TEIXEIRA, MAJOR — rua (Luciano Teixeira Nogueira)

Começa na rua Alberto Sarmiento e termina na Governador Pedro de Toledo, no cruzamento com a rua do Café, no Bairro do BONFIM.

A primeira denominação foi dada pelo Decreto n.º 92, de 13 de março de 1945, revogado pelo Decreto n.º 94, de 16 de maio de 1945. A denominação oficial, definitiva, foi dada pelo Decreto-lei n.º 311, de 13 de novembro de 1945. Tem 15 metros de largura.

Dados Biográficos — Sobre a personalidade de Major Luciano Teixeira Nogueira, conta-nos a Comissão Especial do Centro de Ciências Letras e Artes, de Campinas, constituída dos Srs. Dr. Celso da Silveira Rezende, professor Celso da Camargo Ferraz e João Batista de Sá (Johumá Brito):

... Ancestral de numerosíssima família, nasceu na então Vila de São Carlos (Campinas), em princípios de 1803, sendo batizado a 1.º de maio de 1803. Era filho do Sargento-Mór Joaquim José Teixeira Nogueira e da dona Angela Izabel Maria de Sousa.

Casou, o Major Luciano Teixeira Nogueira, por duas vezes. A 1.ª, aqui na Vila de São Carlos (Campinas), em 20 de abril de 1828 com sua sobrinha, dona Francisca de Paula Ferraz, havendo, desse consórcio 18 filhos. Viuvo, casou-se pela segunda vez, com sua sobrinha neta, dona Joaquina Augusta Nogueira, isto em 23 de dezembro de 1852, na cidade de Campinas, tendo deste casamento 16 filhos. Foi, portanto, pai de 34 filhos.

Político militante, foi vereador da Câmara Municipal, no triênio 1832 a 1836, 34.ª Legislatura.

Partidário de Feijó, tomou parte no movimento liberal de 1842 e lutou no combate de Vanda Grande, juntamente com seus dois futuros genros.

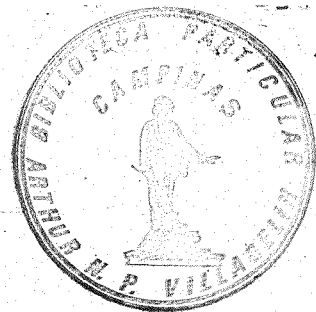
Anistiado em 1843, voltou, novamente a desempenhar o mandato de vereador na 37.ª Legislatura, de 1845/48. Tinha o posto de Major da Guarda Nacional.

Muito trabalhou pelas obras da Matriz Nova, em 1848.

Politicamente, fez profissão de fé como Republicano. Foi um dos primeiros subscritores de capital quando se tratou da incorporação da Cia. Paulista. Grande senhor de engenhos foi proprietário da Fazenda Chapadão. Na Fazenda Laranjal, em Joaquim Egidio, por ele fundada para o cultivo do café, o grande educador, Miguel Alves Feitosa, em 3 de julho de 1882, fundou o "Colégio Luciano Teixeira Nogueira".

Faleceu, aqui em Campinas, contando 82 anos de idade em 21 de outubro de 1884.

Alcides Malta Guimarães



LUCIANO TEIXEIRA NOGUEIRA

Foi êle ancestral de numerosíssima família campineira (comissão do Centro de Ciências, Letras e Artes), tendo nascido na Vila de São Carlos, em princípios de 1803, sendo filho do Sargento-mor Joaquim José Teixeira Nogueira e de d. Ângela Izabel Maria de Souza, que era o verdadeiro nome materno e não Ângela Izabel de Souza Camargo, como alhures, já foi escrito.

Celso Maria de Melo Pupo, digno Coletor estadual nesta cidade (1961), que vem fazendo pacientemente investigações genealógicas sôbre a família Teixeira, chegou à conclusão referida, sôbre o nome de d. Ângela Izabel, baseando-se nas certidões de casamento e de óbito dela e em diversos documentos de certidões de casamentos de seus filhos. Durante algum tempo houve suposição de que o futuro Major Luciano tivesse nascido em Itu, por que, nessa Vila casaram-se os seus pais. Veio ao mundo êle, porém, na Vila de São Carlos, conforme registro de batismo existente na Cúria Diocesana e que se transcreve:

"Luciano — Ao primeiro de maio de mil oitocentos e três nesta Matriz de S. Carlos batizei e pus os santos Olios a Luciano, filho legítimo do Capitão Joaquim José Teixeira Nogueira e sua mulher dona Angela Izabel Maria; padrinhos o Tenente Ignacio Ferreira de Sá, casado, e Marianna, filha solteira de Domingos Teixeira Vilella, freguesa de Itu e os mais excepto a madrinha são desta Freguesia.

(a) O Vig.º Col.º — *Joaquim José Gomes*".

(Catedral — Baptizados. Livro 2, fls. 67 verso).

Casou-se o Major Luciano Teixeira Nogueira por duas vêzes. A primeira na Vila de São Carlos, em 20 de abril de 1828, com sua sobrinha, d. Francisca de Paula Ferraz, tendo havido 18 filhos dêsse consórcio.

Este trabalho sôbre o Major Luciano Teixeira, é uma cópia xerográfica das páginas 105 a 111, da obra "História da Cidade de Campinas", de autoria do historiador campineiro Jolumá Brito, pseudonimo de João Batista de Sá, da Editôra Saraiva, S. Paulo, 1962, Volume 16)

Enviuvando, passou à segundas núpcias com sua sobrinha-neta D. Joaquina Augusta Nogueira, na já então cidade de Campinas, aos 23 de dezembro de 1852, tendo nascido mais 16 filhos deste segundo casamento.

Embora não tenha sido homem de armas, foi Capitão e depois elevado ao posto de Major, pertencente ao quadro da Guarda Nacional. Como seus ancestrais em Campinas dedicou-se à lavoura durante quase toda sua vida.

Exerceu cargos públicos, como os de Juiz Ordinário (1830-1831), Juiz de Orfãos - suplente, Juiz de Paz, Delegado de Polícia (1845), Juiz Municipal (1847), sendo que para o cargo de Juiz Ordinário tomou posse em 1.º de junho de 1830.

Homem digno de suas ascendência tinha e empenhava sua palavra que valia como documento autêntico, tal era o grau de dignidade com que se empenhou em todos os cargos que lhes foram confiados.

Em 12 de janeiro de 1843 não se sentindo bem de sua saúde, enviou ofício à autoridade competente desistindo do cargo de Juiz de Paz e ao mesmo tempo comunicava aos seus pares na Câmara "que não poderia comparecer a uma das suas reuniões por não poder calçar e por estar com hum pé enxado, da pizada de um cavalo que me tirou a unha".

Como não fôsse aceita sua negativa isto é, a sua alegação de falta de saúde, respondeu aos companheiros da Câmara juntando documento médico e informando que "há de estimar que êle produza a devida convicção na certeza de que jamais ousarei avançar o que não tenha o cunho de verdade". Nessa época, também, sofria Luciano de uma inflamação crônica do estômago, nos termos do atestado, o que, de fato, impossibilitava-o de deixá-lo sentar-se durante horas.

Outra vez doente em outubro de 1847, quando fôra novamente eleito vereador, de novo solicitava êle seu afastamento da casa legislativa campineira porque na época "se achava gravemente enfêrmo", o que foi aceito, sendo êle substituído imediatamente, embora logo em seguida voltasse à sua atividade pública no cargo de 2.º suplente de Delegado de polícia da cidade de Campinas.

Quanto ao cargo de Juiz Municipal e de Orfãos exerceu-o êle desde pouco antes de 27 de janeiro de 1848, quando pediu demissão do posto e lhe foi concedida.

O segundo casamento de Luciano ocorreu em 23 de dezembro de 1852, na Matriz de Campinas, com provisão do Excelentíssimo Bispo de São Paulo que dispensou os contraentes em virtude de parentesco no quarto

grau misto de consanguinidade, tudo em linha transversal, viúvo êle, por óbito de d. Francisca de Paula Nogueira (?). Ela filha legítima do dr. Francisco de Assis Pupo Nogueira e João Pupo de Moraes. Não receberam as bênçãos por ser tempo proibido, sendo celebrante do ato religioso nesse conhecido vigário João Manoel de Almeida Barbosa.

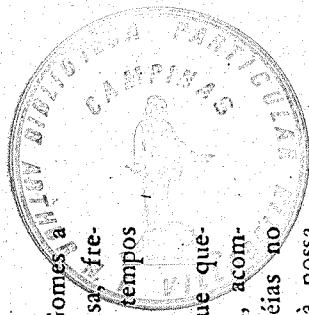
Uma das filhas de Luciano casou-se em 7 de dezembro de 1852 com Flório José de Moraes, sendo ela d. Angela Izabel Nogueira. Este casamento também foi realizado com portaria do Exmo. Sr. Bispo de São Paulo. Era ela filha do Major Luciano e sua mulher dona Maria Francisca de Paula Nogueira (?), falecida, sendo testemunhas do ato na igreja João Baptista Pupo e Luciano e celebrando as bôdas o mesmo vigário.

Como se vê pelo nome não só da primeira esposa de Luciano como da segunda, documentos antigos variavam constantemente com os nomes das pessoas, dando impressão que se tratava de outras completamente diferentes a cujo engano nos podem levar tais documentos.

Acresce a tudo isso que além de uma fazenda que possuía pelos lados do Chapadão, o nosso biografado juntamente com João de Souza Camargo haviam adquirido a célebre fazenda Cachoeira, cujas terras eram formadas pelas antigas sesmarias que pertenceram a Francisco Xavier da Rocha e Antônio Pompêo de Camargo, além da propriedade que ambos já possuíam em comum, de nome fazenda "Bela Vista", que haviam adquirido por 154 contos de réis, ou de Cr\$ 154.000,00 na moeda atual.

Este imóvel agrícola mereceria mais tarde do maestro Carlos Gomes a inspiração de uma polca "saltitante" com o nome da lande imensa, frequentada que fôra pelo inspirado autor do *Guaraní* em seus bons tempos de quase moço, tamanino ainda.

Homem de idéias liberais, daqueles tipos do "antes torcer que quebrar", o Major sempre foi político militante, durante toda sua vida, acompanhando a evolução de seu partido com as mais avançadas idéias no campo do liberalismo. No triênio de 1833 a 1835 foi vereador à nossa Câmara Municipal, na sua 4.ª legislatura. Partidário estremado de Feijó não vacilou em alistar-se no movimento revolucionário de 1842, desde seus primórdios até seu final, tomando parte no combate de 7 de junho de 1842, juntamente com seus dois futuros genros João Batista Pupo de Moraes e Flório José de Moraes também elementos de prol naquele movimento rebelde que empolgou a Província de São Paulo, daqueles agitados dias em que a política era mesmo madrastra dos homens de bons sentimentos, como aconteceu sempre ao filho de Joaquim Teixeira Nogueira. Após a derrota das forças acantonadas na fazenda da Lagôa fugiram todos



êles ocultando-se em fazendas de amigos e conhecidos, até à anistia que os favoreceu no ano de 1843. Neste mesmo ano, em 7 de outubro, já acomodadas as coisas entre os homens da política local, solicitou carta de data de uns terrenos que ficavam "junto ao córrego, além do chafariz que fica junto à casa do finado Tenente João Leite de Freitas", proximidades atuais do Largo Corrêa de Melo, o que lhe foi concedido e onde construiu sua residência e morou durante algum tempo.

Em 1845/48 voltou, novamente, a desempenhar o mandato de vereador na 37.ª legislatura em nossa edilidade, cumprindo o seu mandato até seu final. O Major Luciano conquistou este posto na Guarda Nacional, foi comandante da Corporação em substituição ao Major Quirino dos Santos, pai do saudoso Bento Quirino e de quem se tornou não dizemos inimigo, mas com êle se agastando para sempre. Escreveu Rafael Duarte que teve êle um "despique" com o Juca Cantinho durante muitos e muitos anos, por um simples capricho. O Luciano era homem enérgico, de respeito e teimoso até allí!

É proverbial o caso da demanda que por muitíssimos anos sustentou com o Quirino Velho, questão em que se gastaram somas respeitáveis, sem que o Luciano desse o braço a torcer. E tratava-se, apenas, da discussão pela posse de um arreo de montaria! Tudo oriundo da questão da Venda Grande! Pois, aduz Rafael, o fóro comeu-lhe os cobres e as rarasanas a sela, cujo cabedal, por último, ficou reduzido a uma simples armação no final da questão jurídica! E o homem não se entregou!

O Luciano, quando o nosso Imperador por aqui andou pela primeira vez, isto é, em 1846, engalanou-se em trajes de Côrte, pôs-se na sua casaca bordada de alamares e pasamanes de rica sêda; nos seus calções curtos e apanhados nas joelheiras as ricas fivelas de ouro puro; nas suas meias de sêda e sapatos de verniz de entrada baixa com belos fivelões de prata lisa; no seu chapéu tricorne, debruado a trouxeis de arminho alvinitente! Uma bela estampa, sem dúvida, emoldurada naquele ar imponente, sério e respeitável que lhe enfeitava a figura varonil.

E, vai daí, o Cantinho, que era um velho amigo seu e pertencente, também, a boa família da cidade, tomou-se de gratuita birra contra o seu desafeto e germanando-se com outros de igual queda para molecagem, pôs-se pregar uma peça ao Luciano. Arranjou um pau de sêbo, de quatro braças, colocou-lhe no alto a vítima, cuja sorte deploramos, com máscara e feições parecidas às do inimigo e trajando em tudo perfeitamente igual a êle.

Sobrevisado o Luciano, logo após a retirada do Cantinho que levantara o figurão no centro da cidade, apresentou êle queixa à autoridade e

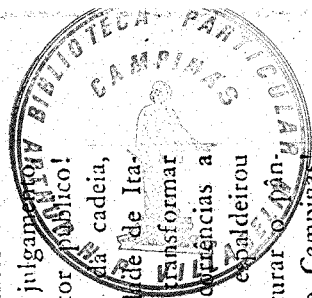
instaurou processo contra seu velho amigo. Fêz, em suma, o que qualquer de nós faria em seu lugar. De perfeito acôrdo. Mas, de que forma procedeu a Justiça daqueles dias? Por intermédio de um alcaide tentou o senhor Juiz de Paz, ao tempo o Raimundo Prado (o velho) intimar o Cantinho para que assistisse ao processo instaurado pelo Luciano. Não o encontrou o representante da Justiça por que o Cantinho fugira para lugar incerto e não sabido.

Que cumpria à justiça fazer em vista disso? Não tinha ela, porventura, em seu poder o retalho da mantilha, a tabaqueira e o lenço de Alcobaca? Não eram tais objetos indícios graves de que havia cúmplice, ou cúmplices, talvez, naquele crime?

— E que a tabaqueira podia ser do pândego do Cantinho! Êle também cheirava...

E tomar rapé naqueles tempos era coisa comum. Daí a prova do crime. Pois bem — com êsse indício grave a polícia desprezou-o, para cometer o nefarido crime que cometeu esmurrando, espaldejando, prendendo bárbaramente a triste vítima. Afinal, da justiça cega e miope daqueles ominosos dias, tinha que se esperar o que de fato aconteceu: não encontrando o acusado Cantinho a Justiça prendeu o Judas e trancou-o na cadeia velha: instaurou-lhe processo, sofreu júri, houve réplica e tréplica diante do bonoco impassível com as roupas semelhantes às do Luciano Teixeira! E o melhor aconteceu durante a sessão do julgamento quando o advogado da defesa se engalfinhou com o promotor público! Enfim, como contou Duarte, um belo dia furtaram o Judas da cadeia, sendo cobduzido em um banguê misterioso para a vizinha cidade de Itatiba, onde deveria se "esconder" durante muitos anos até se transformar em ferro velho... E o pior de tudo é que antes dessas ocorrências a polícia alertada pelo Luciano naquele ano de 1846, prendeu, espaldejou e processou a um inocente bonoco de pano em lugar de procurar o pândego Cantinho em sua propriedade agrícola nos arredores de Campinas!

Espírito aniante de tudo quanto era empreendimento em sua terra natal, o Major Luciano foi, igualmente, um destacado trabalhador intelectual nas obras da Catedral de Campinas. Em 1848, quando o dr. Antônio Joaquim de Sampaio Peixoto, o velho, assumiu a direção delas, Luciano encarregou-se de correr uma das muitas listas então distribuídas, tendo angariado donativos para prosseguimento da construção do templo católico que empolgava a Campinas daqueles dias, conseguindo a importância de 3:846\$000. O liberalismo ardente de que era possuído, levou-o pouco às



idéias republicanas e democráticas, mais consentâneas com seu espírito de lutador. Por ocasião do Manifesto Republicano de 1870, de Saldanha Maranhão e Quintino Bocaiuva, o velho campineiro fez profissão de fé republicana e nunca mais retrocedeu dela, abandonando de vez o processo do liberalismo que passou, então, a considerar retrógrado e obsoleto para seus novos dias de política.

Progressista de ação, foi um dos primeiros subscritores do capital, quando se tratou da incorporação da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais que hoje continua sendo orgulho do país, embora pertença em nossos dias (1962) ao Estado de São Paulo, encampada que foi no governo Carvalho Pinto, quase às pressas, por existir ameaça de tal ato por parte do Governo Federal do sr. Jânio Quadros.

Também nas lutas políticas que antecederam por esse motivo à abolição da escravatura, acompanhou Luciano, com simpatia e entusiasmo, as diversas reformas que se faziam em nome, embora, do liberalismo e concernentes à solução desse magno problema nacional que em Campinas encontrou adetos, conforme conhecemos no volume correspondente à história de nossos escravos. Primeiramente, como agricultor, foi grande Senhor de Engenho e com a evolução natural da lavoura, tornou-se, também, elemento de grande relevância no setor da agricultura cafeeira, que cultivou com entusiasmo no Município, sendo proprietário durante algum tempo da Fazenda Chapadão, onde se plantou igualmente e em grande escala cana-de-açúcar. Talvez, melhor se chamasse, então, Engenho Chapadão. Fundou a Fazenda Laranjal para a cultura do café, em cuja sede hoje se ergue o distrito de Joaquim Egidio, sendo que o seu futuro Grupo Escolar da pequena localidade fôra, então, a sua magnífica casa residencial. Foi nessa propriedade agrícola que o grande educador Miguel Alves Feitosa, em 3 de julho de 1882, fundou o famoso Colégio "Luciano Teixeira", collocando-o, assim, sob o patrocínio desse lúcido espírito progressista. Entusiasta partidário do trabalho livre, o velho Major foi um dos introdutores da colonização estrangeira em nossa cidade, collocando ali famílias de colonos portugueses, suíços e belgas. Destacaram-se, tanto êle como sua família no bom trato aos imigrantes, sendo-lhes extremamente bondosos, embora os grandes prejuizos que com os mesmos tivesse algum tempo mais tarde o que, si o contrariou, pelo menos deu-lhe fóros de homem de bem e de elevada moral, dada a feição que tomou o caso da introdução desses elementos aliegnas em sua vasta propriedade agrícola. Os belgas foram, no entanto, os que mais trabalho lhes deram. Em período doloroso da sua vida o casal de Luciano perdeu durante certa epidemia, nada menos de

dois filhos, um neto, sete escravos e trinta e seis colonos! O Barão Von Tchudi (João Jacques), que era na época representante da Suíça no Brasil e que estivera no "Laranjal" em defesa de interesses de seus compatriotas em 1860, em seu relatório feito respeito à vida em comum de seus patriotas com os brasileiros ali radicados, fez justiça à bondade de Luciano e sua esposa, louvando-lhes não só o espírito caridoso, como, também, comovendo-se diante de certos fatos que presenciou, em que o desvêlo dos dois companheiros fundadores do "Laranjal" foi pôsto à prova. Membros de sua família, depois de sua morte, continuaram tratando êsses elementos vindos da Europa, com o mesmo carinho e cuidado com que êle, Luciano, o fizera em dias de sua longa existência. Antes mesmo da data glorificadora do 13 de Maio, isto é, em 11 de fevereiro de 1888 existiam na fazenda da futura Joaquim Egidio apenas 49 escravos e foram todos êles libertados como aconteceu, aliás, com milhares de negros cativos das propriedades agrícolas campineiras. Dois dias após a libertação da raça negra no Brasil com o advento da lei Aurea, Luciano entregava tudo à direção de seu filho, também Major, de nome Francisco de Paula Nogueira (segundo deste nome), deixando para sempre a vida da lavoura, depois de tantos anos de lutas e cansaças no amanho da terra ladivosa e boa que cultivára com tanto carinho e amor. Interessante que Luciano possuía, também, uma neta de nome Francisca de Paula Nogueira, que foi mulher de Eloy Pompêo de Camargo, sendo ela filha de Luciano Teixeira Nogueira Júnior e d. Carolina da Silva Serpa, sendo testemunhas do casamento Dario Pompêo de Camargo e Herculano Pompêo de Camargo, velhos amigos da família dos Teixeiras Nogueiras e como esta construtora da Campinas dos idos dos últimos anos do século XVIII.

O Major Luciano Teixeira Nogueira, venerável figura de varão campinense, faleceu em Campinas rodeado de seus parentes e do carinho de todos êles, em 21 de outubro de 1884, quando já completára 82 anos de lutas, de uma vida intensa de trabalhos que sempre dedicou à sua amada Campinas e ao bêrço a quem deu o melhor de sua vida exemplar de descendente de uma das mais nobres famílias de paulistas.

